

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

13. Efeitos da ciência e das técnicas de reprodução nas famílias

Responsável EBP: Marcelo Veras

Participantes: Sonia Vicente, Nora Gonçalves, Nilton Cerqueira, Mônica Hage,
Luiz Felipe Monteiro, Ethel Poll, Marcelo Magnelli, Julia Jones

Introdução

Partindo da pergunta - Que tipo de efeitos a ciência e suas técnicas de reprodução estão trazendo às famílias hoje e da ideia que nos traz a psicanálise de que se tem hoje uma nova relação com o real do corpo, vemos que o que está em questão não é mais a ciência que aprimora ou restitui os circuitos fisiológicos pré-existentes, mas a ciência que rompe com a herança darwiniana, e deixa aberta as possibilidades da procriação das espécies.

Como ressalta Laurent,¹ se no século XX falava-se em Ajuda Médica à Procriação, no século XXI fala-se em Procriação Reinventada pela Medicina. Trata-se, portanto, dessa nova relação com o real do corpo, e onde passamos da “ajuda” à “reinvenção”. Ao dizer que “não estamos mais no campo apenas da reprodução assistida”, mas sim no tempo “da introdução de novas linhagens reprodutivas”, percebemos que algo do desejo de ter um filho sucumbe aos caprichos do mercado da reprodução. Assim, percebemos uma das características mais marcantes do atual momento da civilização, a ciência cria possibilidades que, mesmo quando são remotas, rapidamente se convertem em uma exigência imperativa. Sob o ideal de que nada é impossível, sobretudo nos casos de esterilidade ou de inviabilidade sexual, como nos casos de casais homossexuais, tudo que se torna possível converte-se rapidamente em objeto de desejo. Daí, estamos a um passo de um querer a qualquer preço, ou mesmo de um dever.

¹ Laurent, É., A crise do controle na infância.

Nessa perspectiva, quais são os novos significantes-mestre que ordenam a formação de uma família? Para além dos segredos da alcova, um novo cortejo de atores passa a circular em torno dos milagres da concepção. Nesse cenário, legisladores, advogados, cientistas, biomédicos e militâncias, substituem as tradições que antes eram transmitidas de pai para filho, de mãe para filha, ou da igreja para seus seguidores.

Essa crença na autoridade da ciência, contudo, não responde a pergunta sobre o enigma de nossa origem. Ou seja, nenhuma lei científica abolirá a contingência presente nas tramas familiares. Ainda que a ciência forneça o aparato tecnocientífico para que as famílias possam ser “construídas”, permanecerá sempre um ponto de real que escapa a qualquer tipo de medição.

Eis onde o real da psicanálise não se confunde com o real da ciência. Enquanto o real da ciência opera sobre o que pode se inscrever na troca entre os sexos, a psicanálise trabalha com o que fracassa dessa operação, sob a premissa de que não há relação sexual. Trata-se de um real que impede que dois corpos falantes, quaisquer que sejam as escolhas de gênero, se entendam perfeitamente. Cabe portanto saber até que ponto um casal resiste a procedimentos tão técnicos, muitas vezes caros e dolorosos, em que facilmente o desejo se extravia nas vias do imperativo e mesmo da compulsão? É como podemos ler a frase de Lacan: “Dois que se conjuram para a reprodução, mas de um mal-entendido cabal que vosso corpo veiculará com a dita reprodução”.²

No entrecruzamento entre simbólico e real, muito do que se transmite na família independe de como o filho tenha sido concebido, mas não tudo. As novas práticas podem nos lançar na vertigem que transforma o ternário edipiano em um caleidoscópio de imagens. Ansermet, a partir de um caso real, nos mostra como poderia ser o novo retrato de família. Trata-se de uma foto feliz que ele recebeu de um casal que concebeu seu filho a partir de seus próprios gametas, através de uma gestação realizada por outra pessoa, isso na Califórnia onde esses procedimentos são legalizados. Na foto havia o casal que procriou juntamente com o bebê e a mãe na qual o bebê evoluiu a gestação. Todo mundo sorri, mas a família poderia ter sido muito maior a partir das novas possibilidades tecnológicas. Poderiam também estar na foto um doador de esperma, uma doadora de óvulos e assim seriam cinco pais na foto. Mas também

² Lacan, J., *Le malentendu*. Le Séminaire 24. *Ornicar* N° 22-23. Paris: Éditions du Seuil. 1981, p. 13.

poderia haver a doadora do útero, e vamos a seis, e mesmo os médicos e especialistas em reprodução, o que faz uma pequena multidão no retrato familiar.³

Contudo, para além dos sorrisos da foto, a criança terá sempre que se virar com a opacidade do gozo que habita sua família, já que disso não há como fugir. Assim, quanto maior for o número de pais na foto de família, mais personagens podem compor a suplência ao que faz furo na foto, o romance familiar. Com frequência cada vez maior, recebemos no consultório pessoas interrogando sobre quem é o pai real doador do esperma, ou quem foi a barriga de aluguel de seu parto, ou seja uma metonímia da pergunta sobre a origem do desejo que percorre circuitos cada vez maiores. Quer dizer, há muito mais possibilidades de se buscar a origem da humanização do desejo, mas também muito mais possibilidades de se perder na busca.

O que se diferencia é que, se antes era a família que tentava ordenar o real do gozo, na atualidade muitas vezes é o real do gozo que reordena a família. As novas famílias se reorganizam seguindo as derivas do real,⁴ da não relação sexual e de uma economia de gozo que não se subordina a um significante em particular, seja ao do Nome do Pai ou a qualquer outro que quiser substituí-lo. Neste novo reordenamento, a criança já não ocupa o lugar do sintoma dos pais, ela cai como objeto a, “liberado”. [Lacan, *El seminario 16*].⁵

Essas mutações nos laços e usos de corpos interessam ao discurso da psicanálise, pois a prática clínica analítica e suas incidências políticas aplicadas, tal como essa que nos reúne aqui no ENAPOL, reage a essas mutações multiformes da família condicionadas pela prática da Reprodução Assistida. Essa reação ética não é a favor ou contra, não estimula sua disseminação, não rege seu uso, nem previne os abusos deste feito da ciência como fato social. Cabe ao analista, contudo, orientar sua clínica para um saber fazer com os restos sintomáticos.

³ Ansermet, F., *La fabrication des enfants*. París: Odile Jacob. 2015, p. 12.

⁴ Bassols, M., *Famulus. Lacan XXI*. Revista de la FAPOL, p. 10.

⁵ Laurent, É., *Soc sintoma*, p. 45.

A angústia dos clínicos

Todos são afetados pelas novas invenções, inclusive a própria equipe. As equipes de reprodução assistida são regidas pelo ideal de que tudo é possível. Esse ideal, contudo, acaba por velar a ambiguidade que é a própria natureza do desejo humano, pois nem sempre se quer o que se deseja. Além disso, desejar estar grávida não é a mesma coisa que desejar ser mãe, assim como desejar ser mãe não é a mesma coisa que desejar ter um filho. Uma mulher, após seis anos de tratamento da esterilidade, consegue finalmente engravidar. Pouco tempo depois ela se vê as voltas com a lei para obter a interrupção de sua gravidez. Decisões dessa natureza normalmente deixam as equipes perplexas, já que são, na maioria das vezes fortemente orientadas por ideais que impedem uma leitura dos impasses subjacentes a uma decisão tão complexa.

Nosso grupo decidiu então entrevistar uma especialista:

O testemunho de J., médica coordenadora de um serviço privado de Reprodução Assistida na cidade de São Paulo, nos deu a oportunidade de recolher os elementos que permitem situar um campo a ser lido a partir de uma biologia renovada dos corpos falantes. J. constata que no curso do tratamento costuma ocorrer, ainda que transitoriamente, momentos de inquietação, angústia ou sofrimento. Ou seja, esse movimento mobiliza afetos perturbadores tanto do lado dos pacientes, como dos médicos que os assistem em suas demandas. Esses acontecimentos se fazem presentes mesmo quando o resultado do procedimento é exitoso e os pais dão sinais de contentamento.

J. identifica esses rastros em casos onde passos antes seguros se converteram em franca hesitação; casos onde casais plenos das melhores intenções optaram pela separação conjugal no curso dos procedimentos; casos onde afetos contundentes emergiam sem justificativa ou explicações, para depois silenciarem sem prejuízo do tratamento; casos onde apenas uma consulta, sem recomendação técnica alguma, resultou em uma concepção até então dificultosa; e inclusive o caso da própria J., que poucas semanas após ser entrevistada sobre suas experiências, decidiu ela própria pelo congelamento de seus óvulos, e ao iniciar as etapas, foi tomada por um choro enigmático que chegava sem aviso, aplacado apenas pela adoção de um... cachorro.

Esses afetos não se ajustam bem no repertório previsto de sentimentos e argumentos. Ali onde sujeito e objeto deveriam se articular pela via do conhecimento das suas relações, um hiato acontece, surpreendendo a ordem dessa relação.

A família fendida

Freud soube fazer uso desses talhos e retalhos de discurso para renovar a biologia dos corpos, identificando nestes fatos da língua um fator concreto: o inconsciente, e reconhecendo nosso aparelho mental como um “dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas”. A investigação freudiana segue as pegadas dos excessos de corpo, desvelando nossos recursos para lidar com esse *pathos* corporal. Na sua ‘Introdução ao Narcisismo’, Freud destaca a dimensão narcísica da economia libidinal na reprodução dos corpos, e alude à raiz desta função reparadora na maternidade, dizendo: “na criança que geram, uma parte do seu próprio corpo as confronta com um objeto estranho, ao qual, partindo do seu próprio narcisismo, podem então dar um amor objetal completo”.

Radicalizando a investigação desse objeto tão intimamente estranho, a biologia lacaniana identificou o objeto a como um lugar forjado pelo aparelho da linguagem, parasita que habita o vivo do corpo, e que tem fins de alojar a experiência de um corpo fendido na imagem que lhe é devido através do espelho. Passar da castração ao objeto “a”, avança o projeto lacaniano de dispensar o pai freudiano. Com Lacan, é possível examinar a castração para além do mito edípiano. Somente é possível pensar o mundo das novas práticas reprodutivas liberados do Édipo freudiano, nos lançando no projeto freudiano de ir mais além do Édipo e do gozo fálico que lhe é correlato.

Assim, muitos casais se escoram na miragem do bebê por vir, equilibrando-se na certeza antecipada da sua realização e a expectativa instável do risco dele não vir quando esperado, nem como esperado. É o que nos permite afirmar que na contemporaneidade o filho é o pai da família, na medida em que sua existência reconfigura os ascendentes.

A psicanálise lê nos desvarios e deformações contínuas das formas familiares, as marcas dessas invenções aceleradas do corpo, pois, seguindo com Lacan, “isso serve de esteio às

realizações mais eficazes, bem como às realidades mais cativantes”. Esse esteio está presente no seio das famílias que se submetem à Reprodução Assistida, e que se moldam a partir dela.

Lacan e o pai real

No seminário 4, Lacan traz uma notícia extraída de um jornal da América de uma mulher que, “No momento da última doença que levou ao falecimento de seu marido, esta mulher, votada à fidelidade eterna, fez estocar uma quantidade suficiente do líquido que lhe deveria permitir perpetuar, à sua vontade, a raça do defunto [...]”.⁶ E efetivamente ela passou a ter, a cada dez meses, um filho dele. Uma informação surpreendente para a época. Com efeito, trata-se aqui de um caso de inseminação artificial *avant la lettre*.

Com este caso, Lacan já apontava, como as técnicas de Reprodução Assistida, realizam de modo direto a separação radical entre a função simbólica do “pater” e a função real do “genitor”.⁷

O que ele vem afirmar com isso é que, “a noção real de pai não se confunde em caso algum com a de sua fecundidade” e sua preocupação irá girar em torno de saber “[...] por que via, sob que modo se inscreverá no psiquismo da criança a palavra do ancestral, da qual a mãe será o único representante e veículo. Como ela vai fazer falar o ancestral enlatado?” Em outras palavras como para o sujeito poderá se inscrever a sanção da função do pai?

O sonho edípico, como defesa do real do gozo para além da castração, não parece ser a boa fórmula para pensar as novas reconfigurações familiares derivadas da dissociação, cada vez mais crescente, entre os corpos reprodutivos e as funções de transmissão da lei, da transgressão e do desejo.

⁶ Lacan, J., *El seminário, libro 4. La relación de objeto*. 1995, p. 385.

⁷ Bassols, M., *Famulus, op. cit.*

Uma transmissão sem restos

A partir do exposto até aqui, podemos repensar o mal-estar na cultura no século XXI. Conceber o avanço da cultura a partir de uma renúncia ao gozo encontra-se paradoxalmente na contra corrente do mundo contemporâneo. Esta versão não deixa de ter seus ecos no mundo científico, já que as novas técnicas não se contentam apenas em trazer um filho ao mundo, mas também de depurá-lo das possíveis patologias genéticas dos pais. Se antes todo casal concebia o filho com o sonho de ter um filho perfeito, hoje as novas técnicas são um passo para reduzir o efeito de contingência da concepção, algo que sem dúvidas habita o pensamento de um mundo cada vez mais tomado pela segregação, onde o fantasma da eugenia bate às portas de modo cada vez mais gritante novamente.

Aqui podemos evocar o caso Jennifer Cramblett, que juntamente com sua parceira processaram o banco de espermatozoides em Ohio, nos Estados Unidos por terem concebido uma criança parda em uma cidade onde 98% da população é branca e preconceituosa.

O que se busca é a transmissão sem restos, a transmissão sem defeitos. Neste sentido as figuras do pai e da mãe se tornam indistintas, uma vez que a transmissão não se funda no impossível da relação entre os sexos mas exatamente no que eles têm de acordo possível.

O caso de Jennifer, contudo é apenas uma miragem de que os problemas parariam aí caso sua filha fosse branca, pois o que contraria esse desejo de perfeição é uma precariedade de outra ordem, do encontro da linguagem com o corpo. Esse encontro divide a própria lei da linguagem, pois faz com que o sentido seja sempre perturbado pelo gozo do corpo. Assim, é de estrutura que uma família contenha, no bojo de sua transmissão, o mal-entendido. Os ideais familiares são transmitidos, mas sempre modificados a cada geração.

Se, por um lado, algo das novas técnicas de reprodução aponta para um descarte do pai, pois rompem o enodamento entre pai simbólico e pai real, o fato de que os bebês gerados sejam recebidos no mar de equívocos da língua convoca imediatamente alguma forma de amarração. Não há, portanto, possibilidade de que a criação *ex-nihilo* da ciência seja pura ruptura com a posição paterna ao poder fazer emergir o filho como um evento do real. É nesse sentido que podemos ler a tese de Lacan de que “a psicanálise é o que reintroduz na consideração científica o Nome do Pai”.⁸ O avanço lacaniano vem justamente de separar o pai do nome, já

⁸ Lacan, J., *Écrits*. Paris: Le Seuil, p. 875.

que o Nome do Pai na clínica lacaniana passa a ser o *sinthoma* e não a lei, deixa de ser o que se justifica nas tramas do simbólico para ser um símbolo sem sentido, ou seja, sem efeito de castração.

Assim, o nascimento do sujeito, será sempre um acontecimento “para além” do pai. Uma resposta do real, segundo Jacques-Alain Miller, porém que já vem ao mundo referido pelo discurso que o condiciona, portanto atrelado a uma relação de filiação. Esta filiação é contingente, e a contingência é a forma ideal de reconhecer que é na perda que se produz a falha no Outro onde o sujeito vai se alojar. A “paternidade sem restos”, saturada pelos ideais de saúde e determinações comportamentais seria, nos ditos de Eric Laurent,⁹ o que deixaria o sujeito a mercê de um desejo materno sem que uma separação dos ideais fosse possível, uma “maternidade perfeita” que nos faz evocar o comentário de Lacan no texto “A ciência e a verdade” de que o discurso da ciência seria capaz de produzir a paranóia bem-sucedida.¹⁰

Ser mãe na era do útero artificial.

Numa época em que a ciência ainda não tinha interferência sobre os corpos, Freud [1908], escreveu, *O romance familiar dos neuróticos*. Ele, descreve as fantasias das crianças em torno de quem seriam seus verdadeiros pais e cita, ali, a seguinte fórmula jurídica: “O pai é sempre incerto, a mãe é certíssima”.

As biotecnologias contemporâneas de reprodução vem permitindo ir além do que a biologia impõe para a concepção de uma criança, dissociando totalmente a sexualidade de procriação, assim como a procriação da gestação, deixando unicamente às balizas simbólicas a construção possível de uma filiação.¹¹

Os avanços da medicina ultrapassaram os limites dos corpos organizados biologicamente, introduzindo a incerteza, onde até então, só havia a certeza. O pai, assim, pode torna-se certíssimo – segundo a técnica da injeção intracitoplasmática de espermatozoides – e a mãe

⁹ Em conferência nas Jornadas da EBP-MG: Há algo de novo nas psicoses.

¹⁰ Lacan, J., *Écrits, op. cit.*, p. 874.

¹¹ Ansermet, F., *Silicet dos Nomes do Pai*.

pode tornar-se cada vez mais incerta, já que a gravidez e o parto não implicam mais a maternidade.

A ciência médica, com suas pesquisas sobre a procriação, vem realizando cada vez mais avanços neste campo. O útero artificial já é uma realidade como nos mostra uma notícia divulgada recentemente, na qual cientistas norte americanos desenvolveram o útero artificial a partir de uma bolsa preenchida com fluido, chamada de suporte extrauterino, um experimento realizado com cordeiros prematuros. Estes avanços introduzem uma ruptura no papel “ser mãe”, promovendo desde a possibilidade da gravidez sem sexo, até a fecundação fora do corpo.

Henry Atlan, no livro *Útero Artificial*, parte da tese de que o avanço científico, nesse campo, provocará uma redefinição do discurso sobre o que é natural no campo reprodutivo. Segundo ele: “a hipermedicalização da procriação chegará a desbiologizar as relações dos pais, entre eles e com seus filhos”.

Se para Atlan é a ciência que coloca em xeque o campo do natural, do biológico, para a psicanálise o que promove este abalo é o mistério da união do corpo com a fala, é a linguagem incidindo sobre o organismo que o desnatura, o modifica.

Sendo assim, a psicanálise rompe com o determinismo da biologia. Ser homem, ser mulher, pai e mãe, não são mais do que semblantes que se organizam em torno de modalidades de gozo inseridos num discurso. Como pensar a organização das famílias hoje, quando estes semblantes não estão mais organizados a partir dos modelos familiares tradicionais?

Como pensar , o ser mãe, o desejo materno, a partir destes novos moldes que prescindem da organização biológica do corpo?

Servir-se do pai

Ao reintroduzir a consideração sobre o pai, apostando em um desejo que não seja anônimo, a psicanálise se distancia do bloco cada vez maior do pensamento relativista contemporâneo. Não se deve, contudo, esperar que o nominalismo subjacente à esta filiação se converta no

processo mesmo de reintrodução da completude do Outro. O Outro que diz “eu te nomeio” não existe.

O Outro falha ao não poder nomear o ser de gozo do sujeito porém, como a condição do sujeito (neurótico ou psicótico) depende do que se passa no Outro, é desse Outro que o sujeito extrairá seu nome próprio, deixando perceber a verdade do processo de nomeação: não é o pai que nomeia e sim o filho que obtém seu nome ao se servir do pai para constituir seu sinthoma. Esta é uma leitura possível do debate de Einstein sobre o fato de Deus jogar, ou não jogar dados: que é a própria contingência da nomeação que abole a necessidade divina. Assim, nenhum pânico quando um bebê é gerado de um doador de espermatozoides anônimo, fruto do desejo de um só, e não de dois. A própria linguagem faz divisão do sujeito, separando-o da condição de apêndice do corpo materno.

Pode-se cercar o nascimento da criança de todas as precauções possíveis para garantir a transmissão integral do Nome do Pai, mas mesmo assim a contingência do sinthoma não será em nada abalada.

Aqueles que pretendem abolir a dimensão sintomática da civilização não percebem que o sintoma, em última instância, é a civilização. Hoje em dia são as técnicas científicas que procuram garantir esta transmissão mas não podemos esquecer que por mais de vinte séculos a religião buscou meios de garantir a transmissão ideal, de geração em geração. Isto nos permite renovar uma questão que a psicanálise verifica caso por caso: por que é melhor apostar no pai?